

Um mal-entendido bem cultivado

(Conclusão)

Seja como for, continuo convencido de que não se pode alargar a própria liberdade, assegurar a própria emancipação, senão defendendo contra toda a reacção as liberdades já adquiridas. Cruzar os braços quando a humanidade está ameaçada de um trasbordamento de reacção, não é o papel dos revolucionários. E é inegável que a victoria do militarismo prussiano teria sido um retrocesso, digam o que disserem os que se servem de uma fraseologia revolucionaria para cobrir motivos, que estão longe de o ser.

Sim, bem sei: « O que nós queremos — dizem — é que os povos se sublevem para forçar os governantes a fazer a paz ». Reconheço nestas palavras a grandiloquência dos camaradas que, quando incapazes de fazer viver os seus jornais existentes, só tinham uma ideia fixa — criar outros novos, achando um semanario obra de somenos importancia; só queriam empregar os seus esforços na criação de um diario, ou que, incapazes de uma modesta quotização semanal ou mesmo mensal, sonhavam formas fantasticas para a propaganda, deixando prudentemente ao « desconhecido » o cuidado de realizar os seus sonhos mirificos.

Sem terem podido esboçar o mais ligeiro protesto contra a declaração de guerra, ou, dada a situação, occupar um lugar na organiazção dos trabalhos para assegurar a defesa e a vida diaria, não perderam a esperanza, agora que tres quartos dos camaradas estão dispersos, de que a Revolução fará o que elles proprios não souberam fazer!

Quando saberão elles ver as coisas nas suas justas proporções, quando saberão adaptar-se á tarefa de que as suas verdadeiras forças e as circunstancias lhes permitem aguardar bom resultado, em vez de andarem embalados por impossibilidades?

«Sublevar os povos e levá-los a forçar os governantes a fazer a paz», é nem mais nem menos que uma revolução. Ora falar de revolução onde houve incapacidade de esboçar um motim, é simplesmente demencia.

A Revolução ! Fora de dúvida, ela continua a ser o nosso meio de emancipação. Mas, sem virtudes que lhe sejam próprias, é um meio que tanto pode libertar um povo, como curvá-lo mais sob a opressão e a exploração. Quantos são os que teem uma ideia nitida do que deve ser uma revolução de emancipação social ? Onde estão os agrupamentos que devem substituir pela sua organização as forças governamentais dispersas ?

«Queremos a paz !» — é o grito com que se pretende fazer mover as massas. Mas que paz ? A paz com quem ? Com o kaiser ? Não ! Então é a revolução, e eu torno á minha pergunta : onde estão as forças revolucionárias que já vos faltaram no comêço da guerra ?

A paz, a reconciliação, tambem nós a queremos. Mas, conscientes da nossa fraqueza como das nossas possibilidades, entendemos não dever dispersar esforços em tarefas impossiveis, limitando-nos a objectivos modestos, mas seguros. Essa paz, duradoura, essa reconciliação, não queremos arriscar-nos a perdê-las por uma campanha intempestiva, que redunde em proveito do agressor. Antes de se falar de paz e reconciliação, deve o povo alemão derrubar os verdadeiros fautores desta guerra, os pangermanistas.

Por outro lado, se nós, como anarquistas, somos incapazes de tentar uma revolução, podemos, associando os nossos esforços a todos os que — e são em grande número — sem serem anarquistas, nem revolucionários, nem mesmo socialistas, querem, como nós, o fim das guerras, a paz permanente, o entendimento e harmonia de todos os povos, forçar os governantes não a depor as armas — só os acontecimentos serão bastante fortes para isso — mas a uma paz justa, ao desarmamento, influindo na opinião pública nesse sentido. Sósinhos, nada podemos. Tenhamos, por uma vez, o bom senso de limitar a nossa acção ás coisas possiveis e de saír do isolamento estúpido do tudo ou nada, trabalhando por obter um pouco.

Clifton, 25-5-916

J. GRAVE